

NOS TRILHOS DE BAIXA VERDE:

uma proposta de letramento histórico-digital para o ensino de História local

Adriana Cassimiro da Silva¹

RESUMO:

O objetivo geral desta pesquisa é promover a compreensão do aluno como sujeito histórico a partir da construção de narrativas históricas, considerando sua realidade local e o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação. Esta investigação busca contribuir para a aprendizagem histórica escolar por meio de uma produção didática referenciada, a partir dos conceitos de letramento histórico digital, História Local e memória. As reflexões tecidas terão o intuito de dotar os(as) estudantes de habilidades críticas no uso das ferramentas digitais. Os estudantes serão instigados a desenvolverem e se apropriarem de conhecimentos sobre letramento histórico digital por meio de narrativas que mobilizem a memória e os conhecimentos sobre a História Local, com a finalidade de construir uma conexão entre os acontecimentos passados e a sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: letramento histórico digital; ensino de História; História Local; memória.

ON THE RAILS OF BAIXA VERDE: a historical-digital literacy proposal for local history teaching

ABSTRACT:

The general objective of this research is to promote the student's understanding as a historical subject through the construction of historical narratives, considering their local reality and the use of digital information and communication technologies. This investigation seeks to contribute to school historical learning through referenced didactic production, based on the concepts of digital historical literacy, Local History and memory. The reflections made will aim to provide students with critical skills in the use of digital tools. Students will be encouraged to develop and acquire knowledge about digital historical literacy through narratives that mobilize memory and knowledge about Local History, with the aim of building a connection between past events and contemporary society.

KEYWORDS: digital historical literacy; teaching History; Local History; memory.

¹ Mestranda do Profhistória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) mestrado profissional. Professora efetiva das redes Estadual do Rio Grande do Norte e do município de João Câmara -RN

As tecnologias digitais têm transformado significativamente a vida social dos indivíduos. As redes sociais, aplicativos de mensagens, plataformas de vídeos conferências, entre outros permitem que as pessoas se mantenham conectadas, facilitam a formação de novas amizades e a realização de tarefas cotidianas, como estudar e trabalhar com maior rapidez, encurtando distâncias geográficas e otimizando tempo. Contudo, ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais oferecem possibilidades de conexão social, também oferecem alguns desafios para a vida dos indivíduos, seja pelo uso excessivo que pode gerar isolamento, seja pela exposição diária e uso indevido de informações falsas, pela distração e falta de foco na aprendizagem e relações pessoais, entre outros.

Neste cenário das tecnologias digitais e da vida conectada, o ensino de História desempenha um papel crucial em ajudar os estudantes a refletir, questionar e compreender como o conhecimento é produzido e difundido, principalmente nas mídias digitais, permitindo uma reflexão crítica sobre como a tecnologia molda a sociedade, influencia a cultura e impacta as relações humanas ao longo do tempo. Além disso, o ensino de História pode fornecer perspectivas sobre as continuidades e rupturas causadas pelas inovações tecnológicas, ajudando os alunos a compreenderem melhor o presente e a prepararem-se para o futuro. O conhecimento histórico também promove a habilidade de pensar criticamente e avaliar informações, habilidades essenciais em um mundo saturado de dados e desinformação.

Desse modo, apresentamos as nossas reflexões, que têm como temática geral o Ensino de História, História local e memória, por meio de uma proposta de letramento digital para a construção de uma identidade histórica. Trabalho desenvolvido com alunos da segunda série do ensino médio, na Escola Estadual Antônio Gomes, que se localiza na rua Eliza Bittencourt

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Como professora de História da educação básica, na rede pública, acredito que a escola pode ser um espaço vivo e dinâmico, onde o aprendizado transcende os muros e se conecta diretamente com o mundo real, e defendemos um ensino de História que vá além da simples transmissão de conhecimentos e memorização de conteúdos. Defendemos um ensino problematizado e emancipatório, que busca capacitar os estudantes para serem agentes ativos de suas próprias aprendizagens, críticos das narrativas dominantes e conscientes do papel transformador que o conhecimento histórico pode desempenhar na sociedade.

Todavia, adotar uma abordagem emancipatória no ensino de História traz vários desafios, como engajamento dos alunos, formação profissional, apoio institucional, recursos adequados, mudanças curriculares, avaliações padronizadas e tempo de aula limitado. Apesar desses obstáculos, a adoção de uma abordagem mais crítica e reflexiva pode enriquecer significativamente o processo educativo, pois está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes. De acordo com Jorn. Rüsen (2007), a consciência histórica é a capacidade de entender e interpretar o passado, reconhecendo sua influência no presente e suas implicações para o futuro. Isso capacita os alunos a serem pensadores críticos e cidadãos ativos, capazes de entender o passado de maneira profunda e usar esse entendimento para moldar um futuro mais justo e inclusivo (Rüsen, 2007).

Portanto, os desafios enfrentados na docência, motivações e experiências pessoais são aspectos cruciais na trajetória de um docente. Neste lugar de fala de uma professora pesquisadora (Barca, 2012), esses aspectos ganham contornos específicos e relevantes no nosso itinerário de pesquisa, e como discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-ProfHistória, uma vez que este caminho é repleto de obstáculos, mas também de muitas recompensas e motivações que alimentam a paixão pelo ensinar e aprender.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Com o intuito de refletir e buscar soluções para os desafios impostos à docência, buscamos subsídios que nos ajudem a construir uma prática docente que tenha como ponto de partida a realidade dos educandos, para que eles possam refletir a respeito deste tempo presente e, a partir dessas reflexões, compreender as relações com outros seres humanos em outros tempos. O aporte teórico para esta pesquisa será constituído inicialmente por diálogos com autorias que analisam e/ou discutem o papel do ensino de História na construção de conhecimentos históricos que venham contribuir com a formação cidadã dos estudantes, para que estes atuem de forma crítica e consciente no mundo atual.

Nesta perspectiva, consideramos as contribuições de Jorn Rüsen (2001), ao ponderar que pensar historicamente implica em lapidar a capacidade de trilhar, entre um argumento e outro, por interpretações das experiências do passado. Marlene Cainelli (2004) observa que o ensino de História requer um relacionamento com os sujeitos que aprendem, começando pela tarefa de ensinar aos alunos a sua história e o seu papel, enquanto sujeitos históricos, sendo, portanto, um dos objetivos fundamentais do ensino de História desenvolver a compreensão histórica da realidade social (Cainelli).

Bittencourt (2008) ressalta que “um dos objetivos centrais do ensino de história, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na construção de identidades” (Bittencourt, 2008, p.21). Para a autora, a identidade está relacionada à formação do cidadão crítico, que, embora seja ainda um termo vago, é um indício da importância política da disciplina, que deve estar articulada com a formação cognitiva que se constitui na habilidade de concatenar passado e presente.

Para dialogar a respeito dos caminhos e descaminhos do ensino de História no Brasil, buscamos luz nos estudos de Circe Bittencourt (2008), Maria Auxiliadora Schmidt (2009) e Thaís Nivea Fonseca (2004), que nos trouxeram contribuições valiosas para entender as evoluções, desafios e potencialidades da História como

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

disciplina no cenário educacional brasileiro, buscando formas de promover uma aprendizagem histórica que seja realmente significativa e transformadora para os estudantes. Além disso, cabe ressaltar que esses percursos moldaram nossa atuação e influenciaram na forma como a História é ensinada e aprendida. Essas mudanças se refletem muitas vezes em novas metodologias e projetos desenvolvidos em sala de aula.

O ensino de História, objeto desta reflexão, experimentou várias mudanças para adequar-se às necessidades do contexto e das políticas educacionais que atendessem aos interesses do projeto de governo vigente em cada momento histórico. Sua importância sofreu variações do século XIX até os dias de hoje, tendo em vista que a História foi uma das ferramentas para servir às ideologias das elites no seu decurso.

A trajetória da disciplina de História no Brasil tem suas raízes no século XIX, quando as primeiras instituições de ensino surgiram como parte da missão de formar uma elite política e intelectual. Nesse período, a História era ensinada com forte viés eurocêntrico, com o objetivo de criar uma identidade nacional em torno dos feitos de grandes figuras e eventos heroicos. O foco era o enaltecimento do Império, da monarquia e da formação territorial do Brasil, minimizando ou ignorando questões relacionadas às populações indígenas, africanas e pobres.

Com o advento da República e ao longo do século XX, a disciplina passou por algumas transformações, mas a ideia de uma história oficial, linear e de celebração dos feitos de grandes heróis ainda prevaleceu até meados do século. Foi somente a partir das décadas de 1960 e 1970 que, influenciados por correntes historiográficas como a Escola dos Annales e o marxismo, os historiadores brasileiros começaram a questionar essa narrativa. A partir desse momento, a História começou a ser vista de forma mais crítica, valorizando temas como a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

história social, cultural, econômica e o papel das classes subalternas e dos movimentos populares.

Durante o regime militar (1964-1985), a História foi instrumentalizada como ferramenta de controle ideológico. Os manuais escolares reforçavam a ideia de ordem e progresso, omitindo as questões de luta de classes e de resistência. Porém, com a redemocratização, houve um movimento de renovação curricular que buscava romper com essa visão autoritária, promovendo uma História mais plural e crítica.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada em 2017, representa um marco recente e importante nesse processo de evolução curricular. Ela propõe uma formação histórica voltada para a construção da cidadania e a valorização da diversidade cultural e social do Brasil. A BNCC valoriza o protagonismo dos sujeitos históricos e busca desenvolver nos alunos a capacidade de análise crítica, incentivando o uso de diferentes fontes e abordagens para a compreensão do passado.

Entretanto, a BNCC também trouxe desafios. Para os professores de História, um dos maiores é a adaptação a essas novas diretrizes, que demandam uma formação contínua e aprofundada. A necessidade de revisar métodos e conteúdos para atender às exigências da base, associada à precariedade das condições de trabalho em muitas escolas, especialmente públicas, torna essa transição ainda mais difícil.

Além disso, a disciplina continua enfrentando a pressão de movimentos que tentam desvalorizar o ensino crítico da História, como o "Escola sem Partido", que visa censurar discussões sobre temas sensíveis como ditadura, racismo e gênero. Os profissionais da área também lidam com o desafio de incorporar tecnologias digitais e novas metodologias de ensino, para tornar o aprendizado mais atraente e significativo para as gerações que cresceram imersas no ambiente virtual, além da drástica redução na carga horária.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Por fim, a disciplina de História no Brasil tem uma trajetória marcada pela constante disputa entre diferentes projetos de sociedade e educação. A BNCC, embora seja um avanço no reconhecimento da diversidade e no estímulo ao pensamento crítico, exige que os profissionais da área se adaptem às novas exigências, ao mesmo tempo em que enfrentam um cenário de dificuldades estruturais e disputas ideológicas.

O historiador José Mattoso enfatiza a importância do estudo da História para compreender o mundo em que vivemos e como o passado molda os sujeitos no presente. Para o autor, mais do que um campo de estudo, é uma lente essencial para entender o mundo atual e gostar de História é uma opção pessoal, mas reconhecer sua importância é fundamental, uma vez que ela fornece o contexto necessário para interpretar as dinâmicas contemporâneas, permitindo uma compreensão mais acentuada da realidade (Mattoso, 1999).

Assim, o ensino de História deve estimular o aluno a problematizar sua realidade, indo buscar no passado as respostas para suas inquietações do presente. E assim, por meio dessa atitude investigativa ou historiadora, é possível construir explicações para a sociedade ou local em que vive, percebendo-se como parte dela e compreendendo que orientação temporal é imprescindível para uma aprendizagem significativa.

A adaptação curricular trazida com a BNCC representou impactos significativos na nossa prática docente, exigindo esforço considerável em termos de formação, planejamento de aulas e desenvolvimento de novas metodologias de avaliação. Esse cenário nos impulsionou a buscar ampliar nossa formação, cursando o Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória para aprofundar nossos conhecimentos e desenvolver novas estratégias para lidar com os desafios educacionais.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Diante do exposto até aqui, percebemos que o ensino de História percorreu diversos caminhos permeados por objetivos e métodos distintos e esse caminhar muitas vezes não desaguou em uma aprendizagem histórica. Aqui chamamos de aprendizagem histórica aquela que desafia o pensamento crítico do aluno e defende que o objetivo da História é construir diálogos entre o que se ensina na sala de aula e o que se vive no cotidiano. E esses diálogos nos ajudam a pensar historicamente, suprimindo nossas carências sobre o passado (Rüsen, 2001).

Nesse contexto, esta pesquisa objetiva desenvolver com os alunos das turmas da segunda série A e segunda série B da Escola Estadual Antônio Gomes, no município de João Câmara-RN, uma proposta de letramento digital, que terá como produto final a construção de um memorial digital, dando a oportunidade de construção de conhecimentos históricos articulados com o contexto local, nacional e global, bem como ajudando a formar estudantes protagonistas, agentes transformadores de sua vida e da sociedade em que vivem.

Os escritos de Bittencourt (2008), defendem a escola como um lugar de produção de conhecimentos históricos. Esses conhecimentos, construídos por professores e alunos, fazem parte da cultura escolar desenvolvida para atender um papel fundamental na formação da sociedade. A escola é também o espaço onde se constrói ou se moldam as identidades e valores dos indivíduos, através da forma como seleciona ou legitima os saberes a serem ensinados. A escola, por sua função socializadora, em conjunto com seus professores, deve buscar romper com os padrões excludentes e reprodutores das desigualdades. A instituição escolar deve ser lugar propício para desenvolver habilidades e competências que possam mobilizar conhecimentos e capacidades cognitivas e afetivas. É primordial que a escola ofereça práticas pedagógicas, tomando por base a realidade sociocultural dos seus discentes.

A adaptação curricular trazida com a BNCC representou impactos significativos na nossa prática docente, exigindo esforço considerável em termos de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

formação, planejamento de aulas e desenvolvimento de novas metodologias de avaliação.

Esse cenário nos impulsionou a buscar ampliar nossa formação, cursando o Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória para aprofundar nossos conhecimentos e desenvolver novas estratégias para lidar com os desafios educacionais.

Diante do exposto até aqui, percebemos que o ensino de História percorreu diversos caminhos permeados por objetivos e métodos distintos e esse caminhar muitas vezes não desaguou em uma aprendizagem histórica. Aqui chamamos de aprendizagem histórica aquela que desafia o pensamento crítico do aluno e defende que o objetivo da História é construir diálogos entre o que se ensina na sala de aula e o que se vive no cotidiano. E esses diálogos nos ajudam a pensar historicamente, suprimindo nossas carências sobre o passado (Rüsen, 2001).

Nesse contexto, esta pesquisa objetiva desenvolver com os alunos das turmas da segunda série A e segunda série B da Escola Estadual Antônio Gomes, no município de João Câmara-RN, uma proposta de letramento digital, que terá como produto final a construção de um memorial digital, dando a oportunidade de construção de conhecimentos históricos articulados com o contexto local, nacional e global, bem como ajudando a formar estudantes protagonistas, agentes transformadores de sua vida e da sociedade em que vivem.

Os escritos de Bittencourt (2008), defendem a escola como um lugar de produção de conhecimentos históricos. Esses conhecimentos, construídos por professores e alunos, fazem parte da cultura escolar desenvolvida para atender um papel fundamental na formação da sociedade. A escola é também o espaço onde se constrói ou se moldam as identidades e valores dos indivíduos, através da forma como seleciona ou legitima os saberes a serem ensinados. A escola, por sua função socializadora, em conjunto com seus professores, deve buscar romper com os

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

padrões excludentes e reprodutores das desigualdades. A instituição escolar deve ser lugar propício para desenvolver habilidades e competências que possam mobilizar conhecimentos e capacidades cognitivas e afetivas. É primordial que a escola ofereça práticas pedagógicas, tomando por base a realidade sociocultural dos seus discentes. Para Rusên (2007), o trabalho com o conhecimento histórico na escola é fundamental no processo de interiorização das experiências individuais e coletivas dos alunos, ou seja, na formação da consciência histórica, fator muito importante na inserção dos sujeitos no seu lugar social.

Um dos principais desafios postos aos professores de História tem sido oportunizar aos educandos, por meio de sua prática docente, a construção de uma identidade histórica conectada com a reflexão sobre si, seu grupo de convívio e suas relações interpessoais, permitindo-lhes uma leitura da sociedade atual para encadear conexões cognitivas que os lhes possibilitem intervir na sociedade.

O diálogo entre o ensino de História e a realidade social dos discentes redimensiona a importância da disciplina e fundamenta atividades que valorizam a reflexão da relação construída pelo indivíduo e seu mundo social. Nesse sentido, o professor deverá, em suas escolhas pedagógicas, problematizar os elementos constituintes da sociedade, visando conectar sua localidade e sua região numa escala nacional e mundial.

A leitura dos escritos de Freire (1996) nos faz compreender que um professor deve se tornar aluno, renovando seu conhecimento e suas práticas. Concordo com o autor, quando ele declara: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.”(Freire, 1996, p.13). Portanto, o ensino aprendizagem deve ser um caminho de mão dupla em que ambos os sujeitos se beneficiam mutuamente. Em vista disso, o aprendizado histórico acontece quando

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

há o encontro entre os sujeitos envolvidos no processo, valorizando a troca de experiências, saberes e reflexões.

Refletir sobre a prática docente é um exercício de duplo efeito. Se por um lado fomenta a responsabilidade de aproximar a disciplina escolar das experiências vividas pelos estudantes, por outro lado, também nos oferece a oportunidade de problematizar e mobilizar novos aspectos da História e do seu ensino que nos permite pensar epistemologicamente a História e sua relação com a sala de aula no tempo presente. Dialogando com os escritos de Schmidt e Cainelli (2004), é possível perceber que nosso pensamento se aproxima da ideia defendida pelas autoras, quando afirmam que cada aula é única, sendo marcada por diferentes interações e dinâmicas que tornam o ato de ensinar uma experiência plural e, ao mesmo tempo, desafiante.

Seguindo esses pressupostos, entendemos que a aula de História vai além de uma sequência de memorização. A aula de História deve incentivar os estudantes a pensar historicamente e, por meio da análise das diferentes fontes e contextos, se reconhecerem como sujeitos históricos. O professor deve estimular a reflexão sobre as mudanças e permanências, as causas e consequências das ações humanas nas sociedades. E ao se reconhecerem como parte integrante da história, os alunos terão uma estrutura para compreender a dinâmica social na qual estão inseridos, o que lhes permitirá questionar, apontar soluções, reformular ideias e comportamentos, construindo assim o conhecimento histórico.

Pensar historicamente significa ponderar sobre o que aprenderam e qual o sentido disso para a vida. A pesquisadora Isabel Barca (2012) defende, em suas pesquisas, a educação histórica como o conhecimento do presente através das respostas do passado, para que este presente faça sentido. Para a autora, a educação histórica desafia o pensamento crítico do aluno e instiga o professor a ser um pesquisador. Ela defende ainda que o objetivo do ensino de História é construir

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pontes entre como os alunos pensam e produzem e o que os historiadores produzem, evitando a “decoreba” na disciplina. Essa ponte, segundo a autora, deve estar alicerçada numa atitude investigativa e uma reflexão epistemológica sobre o conhecimento histórico e social para não comprometer os resultados. A educação histórica vai além da transmissão dos conteúdos, leva em consideração as ideias prévias para investigar as carências temporárias para o desenvolvimento da aprendizagem histórica. (Barca, 2012).

São vários os desafios enfrentados diariamente pelos professores nas escolas brasileiras: desvalorização profissional, falta de condições de trabalho, desestrutura familiar, alunos desmotivados, mudanças na legislação, manipulação de políticas públicas, entre outros. Porém, aqui quero destacar o não interesse dos alunos do ensino médio para as aulas de História, cuja preocupação maior tem sido na maioria das vezes escapar da reprovação.

Diante dessa trilha percorrida, temos ciência do desafio de mediar a construção do conhecimento histórico, de pensar atividades que despertam nos estudantes o sentimento de pertencimento ao mundo em que vivem e a importância de fazer e compreender a história. Entendo que a sala de aula é um espaço favorável para a construção do pensamento histórico, através da interação e reflexão sobre as fontes e os fatos, sobre ser sujeito e fazer história.

Os caminhos até aqui apresentados apontam a necessidade de aplicação de metodologias que superem a transmissão mecânica de conteúdos, com vistas à formação de sujeitos reflexivos que lidem com o conhecimento de maneira contextualizada e protagonista. Para atingir esses objetivos, o professor tenta significar o que ensina, valorizando principalmente os processos que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Frente a esse cenário, o trabalho com letramento histórico digital e história local no ensino de História é um campo que vem ganhando relevância nas últimas

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

décadas, alinhado às demandas contemporâneas da sociedade digital e à valorização das histórias plurais e locais. Para embasar teoricamente essa abordagem, é necessário dialogar com conceitos da educação histórica, letramento digital e historiografia local.

O conceito de letramento histórico pode ser fundamentado a partir da obra de Jörn Rüsen, que defende a ideia de que a educação histórica deve ir além da simples memorização de fatos e datas. Para Rüsen, o letramento histórico envolve a capacidade dos alunos de interpretar e compreender criticamente os processos históricos, desenvolver narrativas e fazer uso do pensamento histórico em situações concretas. A construção de sentidos a partir do passado permite aos alunos conectar o presente e o futuro de forma crítica, e o estudo da história local é uma via significativa para essa conexão, pois aproxima o conteúdo do cotidiano e das experiências diretas dos alunos.

O letramento digital, por sua vez, refere-se à capacidade de acessar, interpretar, criar e compartilhar conteúdos digitais, e tem ganhado destaque com a massificação das tecnologias de informação e comunicação. Portanto, é imprescindível preparar os alunos para serem críticos e criativos no uso das tecnologias digitais. No contexto do ensino de História, isso implica não apenas o uso de dispositivos tecnológicos, mas a compreensão das especificidades da produção e circulação de informações no meio digital.

Nesse sentido, o uso de ferramentas digitais nas aulas de História permite que os alunos tenham contato com diferentes tipos de fontes históricas e que desenvolvam habilidades de pesquisa e análise crítica em ambientes digitais. A criação de blogs, documentários digitais, podcasts, mapas interativos e outros produtos mediados por ferramentas tecnológicas permite que os alunos experimentem o processo de investigação e construção de narrativas históricas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O contato frequente dos jovens estudantes com o mundo digital e o acesso a uma avalanche de informações, obtidas pela presença constante da internet na vida cotidiana, modifica a maneira de obter conhecimento e apresenta desafios em termos de qualidade e veracidade das fontes, que podem sobrecarregar os estudantes ou deixá-los dispersos. Por outro lado, esse volume de informações e materiais, se bem utilizados, podem enriquecer o aprendizado.

Nesse contexto, o letramento histórico digital torna-se essencial, capacitando os estudantes para analisar criticamente as informações, identificar discursos e construir uma compreensão mais contextualizada da História. Assim, o desafio é preparar os estudantes para surfar nesse oceano de informações com discernimento, desenvolvendo habilidades que lhes permitam transformar dados em conhecimento histórico crítico e emancipatório que os prepara os para participarem ativamente na sociedade, com uma compreensão sólida do mundo ao seu redor, tendo em vista que, numa sociedade inundada por um grande volume de informações advindas de variadas fontes e vieses, onde a habilidade de filtrar e interpretar essas informações é cada vez mais essencial.

Nosso trabalho se propõe a refletir sobre o uso das tecnologias da comunicação e informação no ensino de História e como essas ferramentas possibilitam um acesso mais amplo e diversificado a fontes, fomentando uma aprendizagem mais dinâmica e significativa. Para esta reflexão sobre o desenvolvimento das competências digitais buscamos respaldo teórico em pesquisas e estudos já desenvolvidos sobre o letramento histórico digital para possibilitar entender como esses recursos se constituem um caminho para valorizar as características sociais e culturais que fazem parte do mundo dos jovens estudantes que vivem conectados de modo intenso.

Ao dialogar, por exemplo, com Castells (2002) e Silva (2018), objetivamos compreender como as tecnologias podem enriquecer nossa prática docente e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

transformar a aprendizagem histórica mais inclusiva e conectada com as demandas do século XXI. Essas reflexões são cruciais para a aplicação de uma sequência didática que objetiva a construção de narrativas históricas em um formato digital, no qual os alunos não só preservam importantes histórias e memórias, mas também aprendem a utilizar a tecnologia para uma experiência de aprendizagem mais dinâmica e envolvente, contribuindo para a consolidação de suas identidades históricas.

Caime (2014), aponta que a intensa utilização das tecnologias digitais têm influenciado o comportamento, a forma de pensar e a relação dos jovens com a escola. Segundo a autora a geração *homo sapiens* considera a escola desconectada de seu mundo, embora seja um dos seus pontos de interesse. Os jovens têm sua percepção da realidade fortemente influenciada pelo excesso de informações e a constante exposição às mídias, o que pode gerar uma compreensão fragmentada do mundo ao seu redor.

O letramento histórico digital aponta caminhos e levanta reflexões a respeito de uma interseção entre tecnologia, ensino e sociedade. Se por um lado apontamos a facilidade com que os estudantes acessam informações históricas, demonstrando a necessidade de desenvolvimento da habilidade de análise para compreender as múltiplas narrativas consumidas nos ambientes digitais, por outro lado, explicitamos a desigualdade de acesso às ferramentas digitais, que acentuam as disparidades existentes, excluindo grupos ou narrativas em um mundo onde as informações históricas estão frequentemente diluídas em meio ao entretenimento e às fake News.

O papel do professor nesse contexto é multifacetado, exigindo uma combinação de habilidades técnicas, sensibilidade social e compromisso com a educação crítica. Sua atuação é crucial para mitigar essas desigualdades na sala de aula atuando como mediador, buscando maneiras criativas de integrar a tecnologia de forma inclusiva. Isso pode envolver o uso de recursos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A importância do ensino de História na formação de qualquer cidadão é indiscutível, embora muitas vezes essa disciplina seja apresentada como um segmento linear de datas e fatos, contribuindo para uma visão da disciplina como maçante e cansativa, com conteúdo tedioso e sem sentido, resultando na apatia dos alunos nas aulas. Uma pergunta recorrente entre os docentes da área é como tornar a aula de História mais dinâmica e atrativa aos alunos para que eles se transformem de indivíduos passivos a agentes questionadores e reflexivos, conectando os acontecimentos do presente e os acontecimentos do passado e dando sentido ao acontecimento histórico em prol da perspectiva de resolver conflitos futuros.

Refletindo a esse respeito, esta pesquisa propõe a aplicação de uma sequência didática que será desenvolvida com estudantes da segunda série do ensino médio visando oportunizar a construção do pensamento histórico, movendo saberes que despertem neles o sentimento de sujeitos partícipes da história e agentes de atuação no seu lugar, culminando com a criação de um espaço/acervo digital que, a princípio, estamos chamando de memorial virtual.

Nosso objetivo é construir uma narrativa histórica, conectando acontecimentos globais como o processo da revolução industrial com os acontecimentos de ordem local observando como a expansão das ferrovias facilitaram a exportação de produtos e o crescimento de núcleos urbanos ao longo das linhas férreas. Esse processo gerou um fenômeno de urbanização acelerada. As cidades cresceram em torno das fábricas e das estações de trem, alterando drasticamente a organização social e espacial. A migração de trabalhadores do campo para os centros urbanos aumentou, resultando em novas configurações sociais, mas também em problemas urbanos, como a precarização das condições de trabalho e de vida.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nesse processo, é possível identificar diferentes temporalidades que coexistem. A temporalidade agrícola, marcada pelos ciclos da natureza, coexistia com a temporalidade industrial, que se pautava pela aceleração e mecanização do tempo de trabalho. Essa convivência entre tempos distintos gerava tensões: enquanto no campo o ritmo do trabalho seguia o ciclo das estações, nas fábricas, o relógio e a produção ininterrupta tornaram-se dominantes.

Conectando esses elementos históricos, percebemos que o avanço das tecnologias e da industrialização transformou a produção, o espaço urbano e as relações de trabalho. No entanto, essas mudanças também geraram novas formas de alienação. A produção algodoeira, por exemplo, inicialmente estava integrada às dinâmicas locais e aos saberes tradicionais, mas foi progressivamente capturada pelo ritmo industrial e pelas exigências do mercado global.

A produção algodoeira, é um exemplo dentro dessa lógica, foi incorporada ao sistema capitalista global, enquanto as novas tecnologias aprofundaram a alienação dos trabalhadores. As diferentes temporalidades — agrária e industrial — coexistem e se chocam, revelando tensões entre tradição e modernidade. Esses elementos, vistos de forma articulada, permitem uma compreensão mais ampla e crítica dos processos históricos que moldaram a sociedade moderna.

Hoje, com a digitalização e a quarta Revolução Industrial, novas formas de alienação surgem, agora mediadas por tecnologias digitais e a aceleração do tempo. O ciclo iniciado na Revolução Industrial persiste, mas com novas configurações, onde o tempo e o espaço se diluem ainda mais na lógica do capital.

Ao refletir sobre a Revolução Industrial, destacando suas inovações tecnológicas e seus efeitos globais na produção têxtil e no desenvolvimento das cidades pelo mundo a fora é possível contextualizar a história do cultivo do algodão no Brasil, com ênfase em João Câmara, mostrando como as tecnologias

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

industriais foram implementadas na região e quais seus desdobramentos na vida da sociedade local.

Ao desenvolver atividades investigativas, como pesquisa de fontes primárias e secundárias, entrevistas com historiadores locais e visita às ruínas das instalações da antiga usina de beneficiamento do algodão, os alunos, poderão sintetizar suas descobertas e criar uma narrativa digital que conecta esses elementos históricos, utilizando ferramentas multimídia para ilustrar e documentar essas transformações que irão culminar na construção de um memorial digital como produto desta imersão histórica. Espera-se que tal estratégia permita aos alunos compreenderem a interconexão entre os avanços industriais globais e suas repercussões locais, promovendo uma visão integrada da história.

Ao refletir sobre a Revolução Industrial – conteúdo da grade curricular de história- e contextualizar com as suas próprias vidas, os estudantes podem se sentir mais empoderados para questionar e entender as dinâmicas sociais e econômicas que os afetam diretamente. Isso pode incentivá-los a se envolver mais ativamente em debates e ações

sobre justiça social e fazer comparações entre a Revolução Industrial e outras revoluções tecnológicas e econômicas que vivenciam hoje, como a revolução digital. Isso pode ajudá-los em uma compreensão mais ampla dos processos históricos. Essas implicações tornam a abordagem do tema em sala de aula uma oportunidade valiosa para fomentar um conhecimento que vai além da mera transmissão de fatos históricos, promovendo um aprendizado que seja transformador e engajador

REFERÊNCIAS

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

BARCA, I. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, 2012. DOI 10.5216/hr.v17i1.21683. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/21683>. Acesso em: 30 maio. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, 2017.

CAIMI, Flávia Eloisa. A aprendizagem profissional do professor de história: desafios da formação inicial. **Fronteiras**: Revista de História, v. 11, n. 20, p. 27-42, jul./dic. 2009.

CAIMI, Flávia Eloisa. Geração Homo Zappiens na Escola: Os Novos Suportes na Informação e a Aprendizagem Histórica. In: MAGALHÃES, Marcelo et al. **Ensino de História**: Usos do Passado, Memória e Mídia: Rio de Janeiro: FGV, 2014.

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 21). p. 17-58.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Trad. Roneide Venâncio e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. **História & Ensino de História**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.
MATTOSO, José. **A Função Social da História no Mundo de Hoje**. Lisboa: Associação dos Professores de História, 1999.

RÜSEN, Jorn. **Razão Histórica**: teoria da história; os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jorn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora UnB, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo:

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Scipione, 2004.

SILVA, Danilo Alves da. **Letramento Histórico-Digital**: ensino de História e tecnologias digitais. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade